



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**O DISCURSO MACHISTA NA CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PAULO
HONÓRIO DA OBRA *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS**

EDIVÂNIA DA SILVA ARAÚJO

CATOLÉ DO ROCHA

2016

EDIVÂNIA DA SILVA ARAÚJO

**O DISCURSO MACHISTA NA CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PAULO
HONÓRIO DA OBRA *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras e Humanidades CCHA/ CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo.

**CATOLÉ DO ROCHA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658d Araújo, Edivânia da Silva

O discurso machista na constituição do personagem Paulo Honório da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos [manuscrito] / Edivânia da Silva Araújo. - 2016.

31 p. nao

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo, Departamento de Letras e humanidades".

1.São Bernardo. 2.Análise do discurso. 3.Literatura. 4. Machismo. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

EDIVÂNIA DA SILVA ARAÚJO

O DISCURSO MACHISTA NA CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM PAULO
HONÓRIO DA OBRA *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS

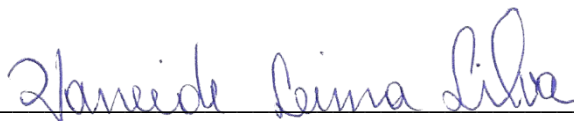
Aprovada em: 19 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA



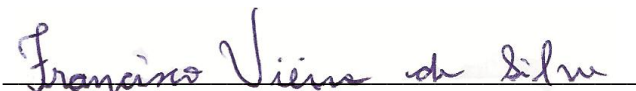
Prof^ª. Dr^ª. Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo (orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva (examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva (examinador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Catolé do Rocha – PB

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus pelo dom da vida e por ter me concedido saúde e forças para seguir em frente, por ter me guiado e iluminado durante todo o percurso deste curso.

À professora Carolina Coeli Rodrigues Batista de Araújo de maneira especial pela dedicação e excelente orientação. Por me guiar quando tudo estava escuro.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a todo o corpo docente, que tive o privilégio de conhecer durante o curso, por nortearem minha formação como futura docente e por acrescentarem de forma positiva a minha capacidade de refletir sobre o mundo.

À memória do meu pai, Francisco Marcolino de Araújo, que tanto almejou a minha conclusão de um curso superior, mas que infelizmente, pelas circunstâncias da vida não pode me acompanhar até o fim dessa caminhada. Obrigada, pai, pelo amor, dedicação, e pelo bom pai que sempre foi. À minha mãe, Maria Cecília da Silva Araújo, por ser a razão do meu viver, pelo amor, paciência, incentivo e pelas orações. Meu muito obrigada, sem a senhora eu nada seria.

Ao meu namorado, Damião, pelo companheirismo, cumplicidade e amor. Obrigada por me apoiar e por estar presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus irmãos, Edite, Eraldo e Edinete, pelo carinho, amor. E por estarem sempre ao meu lado dando todo apoio necessário. Amo vocês!

À minha cunhada, Daiane Kelly e aos meus cunhados João Batista e João Fortunato por toda a atenção e apoio durante a graduação.

Aos meus avós, Cecília Pereira, Francisca Pereira, Severino Marcolino e de maneira especial ao meu avô Vicente Severino de Figueiredo, pelo incentivo e apoio que sempre teve comigo. Aos meus tios, primos, amigos e demais familiares. Pela força e palavras de esperança.

A todas as minhas colegas, turma das quinze mulheres, de maneira especial a Simone Fernandes, Lidy Izabel, Roseane Firmo, Ana Paula e Vanessa Felix. Por serem minhas companheiras de trabalho e melhores amigas, saibam que levarei por toda minha vida todos os momentos em que passamos juntas, pois como bem sabemos, vivemos juntas momentos de felicidade, dificuldades e superações.

Enfim, ao concluir este trabalho, muitas recordações voltam à minha mente. O sentimento é de muita gratidão ao meu bom Deus e a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para esta realização. Meu muito obrigada, de coração!

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Cecília, e à memória do meu pai Francisco Marcolino.

“É do fruto de sua boca que o homem se nutre, com o produto dos seus lábios ele se farta”. Provérbios, 18:20.

“Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 1988, p. 95).

RESUMO

Durante muitos anos a mulher foi ideologicamente vista como um ser frágil e inferior, por isso na maioria dos casos não lhe era permitido estar em situação de igualdade com o sujeito masculino, já que este, por sua vez, era considerado um ser superior. Nesse sentido, o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, em específico através do personagem Paulo Honório, retrata bem esse modo como a mulher foi tratada durante séculos. No romance, o único discurso que prevalece é o do sujeito masculino, entretanto o discurso feminino é marcado, na obra, pelo silenciamento. Diante disso, através da leitura de *São Bernardo* compreendemos as aflições da mulher que foi submetida a uma sociedade machista durante décadas. Assim, partindo de tais considerações, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar o discurso machista na constituição do personagem Paulo Honório, da obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos. Através da análise do discurso de Paulo Honório foi possível no decorrer da pesquisa mostrar marcas de uma formação discursiva machista característica da sua época e formação social. Ainda, o presente artigo está estruturado em três tópicos: no primeiro momento, daremos ênfase às teorias da Análise do Discurso; no segundo momento, trataremos da junção de literatura e Análise do Discurso; e, por fim, no terceiro discutiremos acerca de Paulo Honório: Discurso Machista e Opressor. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica, descritiva e interpretativa de caráter qualitativo e analítico, que tem como embasamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente as contribuições de Pêcheux e Foucault, através de alguns estudiosos como Dantas (2007) Orlandi (2001) Fernandes (2005), entre outros.

Palavras chave: São Bernardo. Análise do discurso. Literatura. Machismo.

ABSTRACT

For many years the woman was ideologically seen as fragile and small so in most cases was not allowed to be on an equal footing with the male subject, since this, in turn, was considered a superior being. In this sense, the novel *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, in particular through the character Paul Honorius, portrays this way the woman was treated for centuries. In the novel, the only speech that prevails is from male subject, however the female discourse is marked by silence. Thus, by reading *São Bernardo* understanding the sufferings of the woman who was subjected to a male society for decades. Thus, from these considerations, this paper aims at analyzing the discourse sexist in the figure of the character Paulo Honório, in the novel *São Bernardo* by Graciliano Ramos. Through Paulo Honório discourse analysis it was possible understand the marks discursive of a male society. Still, this article is divided into three topics: the first time, we will emphasize the theories of discourse analysis; the second time, we will address the literature junction and Discourse Analysis; and finally, the third will discuss about Paulo Honório and her oppressor speech. Therefore, we conducted a literature search, descriptive and interpretative qualitative and analytical character, whose theoretical basis the analysis of the French Discourse, specifically the contributions of Pêcheux and Foucault, by some scholars as Dantas (2007) Orlandi (2001) Fernandes (2005,) among others.

Keywords: São Bernardo. Speech analysis. Literature. Chauvinism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2 ANÁLISE DO DISCURSO E PRÁTICA DE LEITURA	10
2.1 Percurso histórico da análise do discurso	12
2.2 Conceitos basilares da Análise do Discurso: discurso, sentido e ideologia	15
2.3 O sujeito discursivo	18
3 LITERATURA E ANÁLISE DO DISCURSO: LEITURAS POSSÍVEIS	20
4 PAULO HONÓRIO: DISCURSO MACHISTA E OPRESSOR	22
4.1 Quem é Paulo Honório	23
4.2 O discurso machista representado por Paulo Honório	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Desde o principio dos tempos a mulher foi submetida a uma sociedade machista, que tinha o ser feminino como frágil e inferior, enquanto o sujeito masculino era considerado superior. Com isso, o homem passa a exercer o comando tanto do grupo familiar como também social, já a mulher era direcionada somente aos cuidados do lar, do marido e dos filhos. Assim, tendo como objeto de estudo o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, podemos ter noção do modo desse modo como a mulher foi tratada durante décadas.

Na obra *São Bernardo* é nítido o quão determinantes são as formações discursivas nas falas do sujeito masculino no que diz respeito ao sujeito feminino. A presença dessas formações discursivas apontam para as formações ideológicas presentes no momento de produção da respectiva obra, revelando dessa forma a soberania do sujeito masculino numa sociedade patriarcal que não permitia e nem admitia o posicionamento da mulher em situação de igualdade com a do homem.

Diante disso, vale salientar que na obra em discussão a mulher não tem direito à defesa das acusações que lhe são feitas pelo sujeito-narrador-masculino, Paulo Honório, pois o gesto de interpretação, nesse espaço simbólico, é marcado pelo silêncio da mulher, que funciona como o lugar próprio da ideologia. Como o único discurso que reina na obra é o discurso masculino e como ele tem o poder da palavra, esse, por sua vez, usa-a como bem entende para expressar o que pensa e deseja em relação ao sujeito feminino.

Nesse sentido, a soberania e o machismo presentes no discurso de Paulo Honório refletem o homem de uma sociedade patriarcal em que ele é sempre o dono da situação. Já o discurso feminino, assim como a posição da mulher no contexto social e cultural da respectiva época, aparece desvalorizado, extinguido e sem destaque algum no romance.

Partindo de tais considerações o presente artigo pretende realizar um breve estudo acerca do discurso machista na constituição do personagem Paulo Honório, da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Vale destacar que este trabalho terá a Análise do Discurso de linha francesa como suporte de análise.

Desse modo, nosso trabalho justifica-se em fazer uma análise na área da Análise do Discurso quanto ao machismo presente na constituição do personagem Paulo Honório, da obra *São Bernardo*, do autor Graciliano Ramos. Este trabalho trará contribuições tanto para a academia como para a sociedade de um modo geral.

É importante salientar que estudar uma obra literária com base na Análise do Discurso (AD) é um meio para se entender tanto as formas de produção do texto, como a memória discursiva sócio-cultural da época que a obra abrange. É válido ressaltar, também, que a Análise do Discurso, como dispositivo teórico, possibilita tanto trazer novas indagações capazes de contribuir para a relação texto e sentidos históricos quanto refletir sobre as representações de sentidos dominantes sobre a sociedade da época em que a obra está inserida.

Nesse sentido, este trabalho terá como objetivo geral:

- Analisar o discurso machista na fala e na figura do personagem Paulo Honório.

E como objetivos específicos:

- Identificar a posição ideológica do homem e da mulher na obra;
- Compreender o modo como a fala e a figura de Paulo Honório representam a formação discursiva machista;
- Entender a função social da literatura e a literatura como difusora de discursos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, descritiva e interpretativa de caráter qualitativo, que tem como embasamento teórico a Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente as contribuições de Pêcheux e Foucault, através de alguns estudiosos como Dantas (2007) Orlandi (2001) Fernandes (2005), entre outros.

A partir de tais referenciais teóricos e das considerações aqui citadas, o presente artigo é dividido em três momentos: no primeiro momento, é dada ênfase às teorias da Análise do Discurso como prática de leitura, onde será abordado o Percurso Histórico da AD, bem como seus conceitos basilares: Discurso, Sentido e ideologia e o Sujeito-Discursivo; O segundo momento, trata da junção de Literatura e Análise do Discurso: Leituras possíveis; no terceiro momento, por fim, discutimos acerca de Paulo Honório: Discurso Machista e Repressor.

2 ANÁLISE DO DISCURSO E PRÁTICA DE LEITURA

A leitura, de um modo geral, assume um papel de grande relevância na sociedade. O ato de ler pressupõe descobertas, amplia a capacidade crítica do sujeito e, conseqüentemente, aumenta sua participação social. Contudo, algumas pessoas consideram o ato de ler apenas como uma decodificação de signos linguísticos.

Neste sentido, a leitura tem sido alvo de muitas discussões nos últimos tempos e essas passam por diferentes pontos de vista e diversas perspectivas teóricas. No entanto, o que interessa aqui é discutir a leitura do ponto de vista da AD, que compreende a leitura não como uma só, nem infinitas, mas como possíveis leituras. Vale lembrar que a Análise do Discurso é uma disciplina de interpretação, por isso, ela não procura encontrar o sentido oculto dos textos, e sim observar como os sentidos se constituem em cada formação discursiva.

Para a Análise do Discurso, a leitura é marcada pela ideia de interpretação e de compreensão, processos de instauração de sentidos. Ler, portanto, não se resume em decodificar ou apreender sentidos. É mais que isso, é criação de sentido, tendo como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social e as condições de produção do enunciado do discurso.

Assim, a Análise do Discurso (AD) fornece ao sujeito leitor elementos que dão suporte para que sejam desenvolvidas as reflexões necessárias e para que seja compreendido de que maneira os processos de leitura são produzidos e em que condições são determinados.

Sob a ótica da Análise do Discurso pode-se dizer que o sujeito leitor age perante a leitura conforme a sua historicidade, interpelado pela ideologia e, por conseguinte, inscrito em uma formação discursiva determinada. Neste sentido, Dantas (2007, p. 52) afirma que:

Todo e qualquer indivíduo, falante de uma língua natural, desenvolve-se, intelectualmente, num ambiente e recebe destes, em seus aspectos sociais, históricos, políticos, religiosos, jurídicos, sua maneira de pensar, agir e atuar sobre o mundo [...], é de diferentes lugares culturais que cada falante produz seu discurso.

Como bem afirma Dantas (2007), é a partir do lugar social que os sujeitos constroem suas leituras e conseqüentemente seus discursos, ou seja, a leitura do sujeito varia de acordo com o seu lugar social.

Na perspectiva da Análise do Discurso, a leitura deve ser considerada como uma prática historicamente determinada de atribuição de sentidos, como um processo de desvelamento e de construção de sentidos por um sujeito determinado, com limites

determinados pelas condições sócio-históricas. Sendo assim, um mesmo texto nunca será interpretado do mesmo modo por sujeitos diferentes. Assim sendo, é importante levar em conta a diversidade dos leitores, e as marcas ideológicas que envolvem a produção da leitura. A esse respeito Orlandi (2001, p. 71) afirma que:

Há muitas versões de leitura possíveis. São vários os efeitos- leitor produzidos a partir de um texto. São diferentes possibilidades de leitura que não se alternam, mas coexistem assim como coexistem diferentes possibilidades de formulação em um mesmo sítio de significação.

Desse modo, no processo de leitura, é preciso, pois, submeter o texto à própria heterogeneidade da língua, rompendo com a ideia de que há nele um sentido evidente, pronto para ser capturado pelo sujeito leitor.

Como já foi abordado, o texto, na Análise do Discurso, não tem um sentido único que deve ser extraído pelos leitores. Por isso, ler, de acordo com essa corrente teórica, é compreender os sentidos do texto e não o sentido através da observação do mesmo como um elemento dentro do discurso. Conforme essas considerações, podemos afirmar que os sentidos estão para além do que se encontra explícito no texto, e isso nos faz refletir sobre a necessidade de considerar que as palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, ou seja, desde as formações discursivas nas quais são produzidas.

Para a Análise do Discurso, o leitor não é um sujeito passivo que apenas apreende sentidos ou reproduz o que está explícito no texto, mas é um sujeito histórico e ideológico que estabelece gestos de interpretação, a partir da posição que ocupa discursivamente.

Assim, a leitura é vista na AD como uma atividade simbólica que tem como objetivo trazer à tona para o sujeito leitor a opacidade do texto, a partir da possibilidade real do sentido ser sempre diverso, ou seja, ser sempre deslocado do sentido materializado socialmente, sujeito a falhas e a equívocos.

Diante de tudo que já foi exposto, fica evidente que, no campo da Análise do Discurso, no que diz respeito, especificamente, à leitura, são fundamentais as noções de: discurso, texto, formação discursiva, formação ideológica, sujeito, sentido, heterogeneidade, condições de produção e historicidade.

2.1 Percurso histórico da Análise do Discurso

Com o surgimento da Linguística no século XIX e com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, os estudos desenvolvidos acerca da linguagem foram tomando rumos diferentes, ou seja, foram surgindo várias outras disciplinas no campo da linguagem. Ferdinand Saussure é considerado o precursor da linguística, pois além de contribuir para o surgimento de uma nova ciência, seus postulados teóricos tanto deram origem ao estruturalismo, como também contribuíram para estimular muitos outros questionamentos a respeito da linguística do século XX.

Desde então, vários embates que se fizeram em torno das obras de Saussure foram provocando discussões sobre a epistemologia da Linguística, já que, para ele, a língua se constituía como algo abstrato e homogêneo e seu objeto de estudo se restringia apenas à própria língua e esta tinha sua ordem própria.

Esse modo de trabalhar a linguagem de forma sistemática foi posto em discussão por volta dos anos 60, mais precisamente na França, por Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisadores. De acordo com os intelectuais da época, a linguagem não poderia estar limitada a este sistema. Assim, os elementos que antes eram excluídos por Saussure como, por exemplo: a fala, o sujeito, a ideologia e a história foram retomados para os embates linguísticos.

Nesse contexto, respectivamente, surgem várias teorias que rompem com o conceito de linguagem definido por Saussure e sugerem uma análise subjetiva e que ultrapasse os limites da frase.

Desse modo, os estudiosos passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, como um sistema ideologicamente neutro, mas sim num nível situado fora do polo da dicotomia de Saussure.

É nesse contexto de discussões acerca dos estudos linguísticos que, no final da década de 1960 do século XX, foi finalmente desenvolvida uma nova abordagem linguística nos estudos da linguagem denominada de Análise do Discurso, que tem o “discurso” como objeto de estudo. Segundo Orlandi (2013, p. 15). “O discurso é a palavra em movimento, em prática de linguagem com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Desse modo, essa abordagem compreende a língua não como uma estrutura, mas como mediação necessária entre o homem e sua realidade social.

Diante de tudo, fica claro que a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visava a combater o excessivo formalismo linguístico então vigente.

Vale salientar, portanto, que nesse período, segundo Orlandi (2012, p. 20):

A AD Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

É importante destacar que a AD prioriza outros elementos que vão além do ato comunicativo, isto é, a língua, aqui, não é considerada como um fator que tem como objetivo simplesmente transmitir informações ou anunciar algo, mas leva em consideração o contexto social, histórico e ideológico em que um determinado discurso foi produzido. Sendo assim, Orlandi (2013, p. 15-16) afirma que:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Diante disso, fica evidente que é através do homem na história que a AD considera os processos de produção de linguagem, visto que os discursos formam-se, dependendo do lugar sócio-histórico-ideológico em que se encontra o sujeito que produziu determinado enunciado. Como foi visto a AD não trabalha a linguagem na perspectiva da linguística de Saussure, onde a linguagem é fechada nela mesma, mas sim com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto.

Desse modo, pode ser compreendido, portanto, que o discurso é a materialização da linguagem e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelos sujeitos do discurso, por isso mesmo a AD se situa em três regiões do saber científico: a Linguística, para explicar os processos de enunciação, o Materialismo Histórico, para explicar os fenômenos sociais e a Psicanálise, que explica a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico. (ORLANDI, 2013).

Diante de tudo que foi apresentado, é importante mencionar que a construção teórica da Análise do Discurso, na França, foi marcada por alguns deslocamentos, ou seja, o projeto de Michel Pêcheux de elaboração desse campo é marcado por revisões e mudanças acerca dos

seus conceitos, assim sendo, a AD foi dividida em três épocas: AD1, AD2 e AD3. (PÊCHEUX, *apud*, FERNANDES, 2005, p. 79).

Conforme Fernandes (2005, p. 80), a AD1 como foi chamada a primeira época da Análise do Discurso, surgiu por volta da década de 1976, esse foi o momento onde a AD passou a ser pensada a partir de uma exploração metodológica de uma noção de máquina discursiva. Fernandes (*idem*) diz que “essa noção resulta de uma posição estruturalista pós Saussureana e pode ser compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento”. Diante disso, percebe-se que o sujeito, nessa perspectiva, foi tratado como assujeitado à maquinaria, ou seja, os sujeitos aqui não eram livres, pois eram submetidos às regras específicas que delimitavam o discurso que enuncia.

O trabalho de análise, nessa primeira fase da AD é caracterizado como uma análise do discurso automática. Essa proposta “focava cada sequência linguística como um pré-requisito para a análise do corpus. As sequências linguísticas eram consideradas neutras, assim como a sintaxe”. (FERNANDES 2005, p. 81). Nessa perspectiva, o projeto da Análise Automática do Discurso introduz a primeira máquina discursiva, que vai processar a descrição dos discursos, de forma não subjetiva, justamente por ser automática e informatizada. Determinada pelas condições de produção, a inauguração de Análise Automática do Discurso tem seu ponto forte exatamente no dispositivo de análise.

Na década de 1978, surge a segunda época da Análise do discurso, a AD2, que foi o momento onde a noção de máquina estrutural fechada começa a explodir. De acordo com Fernandes (2005), nessa fase da AD, Pêcheux se utiliza do conceito de formação discursiva de Michel Foucault e, inicialmente, percebe-a como operadora do “assujeitamento” do sujeito como sendo ideológico, já que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada posição e situação.

Vale destacar que, nesse segundo momento de formulação teórica, Pêcheux reflete sobre a noção de interdiscurso, porém o sujeito discursivo continua sendo tratado com o efeito de assujeitado.

A AD3, terceira época da Análise do Discurso, que teve seu início na década de 1980, decorre quando começam a surgir várias interrogações sobre a questão do sujeito do discurso, do espaço, da memória, e da própria Análise do Discurso. Nesse momento da Análise do discurso, tem-se finalmente a desconstrução da noção de máquina discursiva. Conforme Fernandes (2005, p. 83):

Na AD3, a noção de maquinaria discursiva estrutural é elevada ao limite e estabelece-se o primado teórico do outro sobre o mesmo, a ideia de homogeneidade atribuída à noção de condições de produção do discurso é definitivamente abandonada [...], a noção de enunciação passa a ser abordada e as reflexões sobre heterogeneidade enunciativa levam à discussão sobre o discurso- outro.

Diante de tudo que foi mencionado, fica claro que todas as indagações, conceitos e reformulações expostas até aqui foram de grande importância para a formulação da teoria da Análise do Discurso que se tem hoje e para que essa tivesse continuidade até mesmo depois da morte de seu fundador Michel Pêcheux.

Contudo, vale salientar que por não ser uma teoria “fixa” e “inflexível”, a AD atualmente continua passando por reformulações, tendo em vista a necessidade de se recriar a partir dos discursos emergentes na sociedade atual.

Em suma, a AD soube apresentar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem, bem diferente da perspectiva formal e categorizadora a ela atribuído antes por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem. A linguagem apresentada pelo ponto de vista discursivo ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido.

2.2 Conceitos basilares da Análise do Discurso: Discurso, Sentido e Ideologia

Ao delinear o campo de constituição da Análise do Discurso de matriz francesa, alguns conceitos ganham ênfase desde o prefácio teórico. Assim, tendo como base a Análise do Discurso, pretende-se, aqui, entender como é concebida a noção de Discurso, Sentido e Ideologia. Dito isso, é importante lembrar que estes são os primeiros conceitos que constituem a existência Análise do Discurso, são imprescindíveis e se encontram na AD devido ao fato de serem inerentes entre si, no qual um depende do outro para dar sustentação aos objetivos da AD.

A palavra “discurso” já vem sendo mencionada desde o início deste trabalho, pois é por ele que a teoria da Análise do Discurso se funda e é ele o objeto central dessa teoria.

Assim, o conceito de Discurso é concebido pela AD como sócio-histórico, pois considera primordial a relação da linguagem com a sua exterioridade. Nesse contexto, a exterioridade refere-se às condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da enunciação assim como o contexto sócio-histórico. Conforme Orlandi (2001, p. 15), “a

palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem”.

Sendo o discurso concebido como uma noção que denota constante movimento, pode-se afirmar que os discursos não são fixos, pois eles mudam de acordo com o lugar, com a realidade, com as condições de produção e com o momento sócio-histórico de produção. É como se as palavras, no ato comunicativo, não possuíssem significado próprio do dicionário e sim sentidos produzidos de acordo com a realidade ideológica específica do momento em que estão sendo emitidas as palavras. Ratificando essa ideia, Pêcheux (1997, p. 190) *apud* Fernandes (2005) afirma que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não existe em si mesmo [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições sócio- histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

A noção de discurso implica, pois, considerar as condições histórico-sociais de produção que envolvem o discurso. Desse modo, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos e estes variam de acordo com o lugar socioideológico daqueles que o empregam. Falar em discurso, portanto, é falar dos elementos que envolvem a história, a formação social e a ideologia.

Ainda Segundo Fernandes (2005, p. 20):

Discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. [...], o discurso não é a língua (gem) em si, mas precisa dela pra ter existência material e/ ou real.

Vale ratificar que o discurso é a linguagem em interação, a linguagem em suas condições de produção, ou seja, a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto são indispensáveis para a significação do que se diz. Com essa noção de discurso estabelece-se que o modo de existência da linguagem é social.

Desta maneira, é importante frisar que é impossível analisar um discurso desconsiderando as condições de produção, uma vez que estão intimamente ligadas à constituição do discurso. Isso quer dizer que o sentido de um enunciado depende das condições históricas e sociais e da situação em que o sujeito que o produz se encontra. Nesse sentido, Orlandi (2013, p. 43) diz que: “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio- histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”.

As condições de produção do discurso também estão relacionadas com às relações de poder e de lugar ocupado pelo sujeito do discurso e pelos interlocutores, o que nos leva a acreditar que a força do discurso de um locutor é determinada pelo lugar social. É por isso que Orlandi (2012, p. 39) afirma que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Ou seja, os sujeitos acabam revelando, nos seus discursos, marcas dos lugares que ocupam.

Em suma, o discurso é indissociável do homem, já que a linguagem é entendida como um sistema de interação entre locutores, por meio do qual se produzirá o efeito de sentido, a partir de objetos simbólicos, os quais revelarão que a linguagem não é transparente. Entende-se, pois, dessa maneira, que a ideologia é fator essencial na constituição do discurso e do sentido. A esse respeito, Fernandes (2005, p.25), ratifica que “a ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, mas inerente ao discurso”. Uma vez que a ideologia é essencial para que um discurso faça sentido.

Nesse sentido, conforme Orlandi (2012, p. 47), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Com isso, podemos dizer que a ideologia é uma base para a constituição do sujeito e dos sentidos.

Assim, Orlandi (2013) ainda nos lembra que a ideologia deve ser considerada como resultado da relação do sujeito com a língua e com a história, pois só assim podem ser construídos os sentidos. Desse modo, podemos dizer que o sentido só é constituído a partir da língua e da história. Neste mesmo sentido, Fernandes (2005, p. 29) afirma que ideologia pode ser definida como “uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica”. Diante dessa afirmação, podemos compreender a ideologia como uma verdade na qual acreditamos, ou seja, a ideologia é considerada como a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

Com tudo que foi apresentado, torna-se claro que quando pensamos em discurso, necessariamente pensamos em sentido e em ideologia. E, se alguma coisa faz sentido, é porque o sujeito produziu o sentido, desse modo, podemos dizer que sentido é, pois, uma relação na qual o indivíduo encontra diferença e desvios criando funcionalidades a partir de certa compreensão de si e do sentido no discurso e enxerga, assim, novas evidências.

Partindo disso, Dantas (2007) diz que a palavra sentido deve ser compreendida como uma enunciação historicamente constituída. Nesse mesmo pensamento, Fernandes (2005) diz

que sentido deve ser entendido como um efeito de sentidos entre sujeitos na hora da enunciação, assim se desfaz a ideia de mensagem fechada em si e afirma a permanência do sentido. Desse modo, fica compreendido, portanto, que o sentido de um enunciado numa determinada formação discursiva varia de acordo com o lugar ideológico e a posição ocupada pelo sujeito numa dada condição de produção.

Diante de tudo, fica evidente que o discurso é um lugar no qual podemos observar a relação entre a língua e a ideologia e, por sua vez, compreender como acontece a produção de sentidos para os sujeitos. Dando continuidade à abordagem sobre os conceitos basilares da Análise do Discurso, será discutida a seguir a noção sujeito discursivo.

2.3 O sujeito discursivo

Um conceito chave para a Análise do Discurso é a concepção de sujeito, que, por sua vez, não será concebido como um ser totalmente livre, uma vez que seu discurso sempre estará repleto do discurso do Outro, compreendido como exterioridade social, e é a partir desse Outro que o sujeito formará o seu discurso. É, portanto, pretensão entender, aqui, como é discutida essa noção de sujeito discursivo aos olhos da AD.

Na ótica da Análise do Discurso, para se compreender a noção de sujeito discursivo, deve-se considerar que o sujeito, nesse campo teórico, não se trata de um ser que tem existência particular no mundo, mas pelo contrário, aqui, o sujeito é considerado como um ser social e não individualizado. Portanto, o sujeito da AD não é o indivíduo, no sentido empírico, mas o sujeito do discurso que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. Nessa perspectiva, Fernandes (2005, p. 33-34) afirma que:

O sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo deve ser considerado sempre com um ser social, apreendido em um espaço coletivo, portanto trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um eu individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico. (FERNANDES, 2005, p.33-34).

Sendo assim, a voz do sujeito sempre revelará o lugar social de onde ele fala, e, conseqüentemente, expressará um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade

social, ou seja, sua voz reflete as vozes constitutivas do lugar sócio-histórico no qual ele está inserido.

Desse modo, todo discurso é uma construção social, não individual, e só pode ser compreendido considerando-se seu contexto histórico-social e suas condições de produção, e isso significa dizer que o dizer do sujeito reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente inscrita na formação discursiva a que estes sujeitos estão vinculados. Nesse sentido, Fernandes (2005) salienta que para se compreender um sujeito discursivo é preciso, antes de tudo, entender quais são as vozes sociais que fazem parte de sua voz. Vale lembrar que, a presença de diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso, denomina-se polifonia, o que significa muitas vozes.

Na perspectiva da AD o sujeito discursivo não está na origem dos seus dizeres, porque não há o sentido original, os sentidos são históricos, logo, são sempre atravessados por outras vozes que os constituem, assim como os sentidos são constitutivamente opacos, por isso a língua é o lugar do jogo com os sentidos.

A esse respeito, Orlandi (2013, p. 32) afirma que:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Segundo essa ótica, compreendemos que todo discurso está relacionado com outros, isto é, todo discurso é heterogêneo já que o sujeito não é autor/dono daquilo que diz, e tudo o que é dito já foi proferido por outros sujeitos em um contexto e condição de produção diferentes.

Deste modo, podemos afirmar que nossos discursos são heterogêneos e polifônicos, uma vez que nos constituímos por discursos de vários lugares e pelas várias vozes que nos constituem como sujeitos.

Como foi ressaltado, a noção de sujeito, na teoria do discurso, vai considerar os fatores sócio-históricos e ideológicos como elementos constitutivos dessa noção. Portanto, o lugar que o sujeito ocupa na sociedade é determinante do/no seu dizer. No entanto, ao se identificar com determinados saberes, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva e passa a ocupar não mais o lugar de sujeito empírico, mas sim o de sujeito do discurso.

Diante do exposto, é evidente que, de acordo com os princípios teóricos da AD, somos sujeitos constituídos social, ideológico e historicamente, e produzimos discursos que refletem essa constituição, que, por sua vez, é flexível a interpelações de outros discursos.

Em suma, são estes os conceitos que fazem parte dos princípios teóricos da Análise do Discurso, cada um com sua importância, mas que necessitam um do outro para obter significação. Lembrando que tais conceitos são de fundamental importância para um pesquisador da língua, pois é por meio desses conceitos que a Análise do Discurso nos fornece habilidades para desenvolver as mais diversas formas de interpretação da linguagem.

3 LITERATURA E ANÁLISE DO DISCURSO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Neste momento, o presente trabalho propõe-se a realizar uma breve apresentação da aproximação entre análise do discurso e literatura. Assim, ao tomarmos o texto literário enquanto objeto de análise de discurso implica problematizar qual(is) discurso(s) nele se materializam, nele circulam e nele produzem sentidos. Desse modo, é válido salientar que estudar uma obra literária com base na Análise do Discurso (AD) é um meio para se entender tanto as formas de produção do texto, como o momento histórico em que ele foi escrito. Assim, a Análise do Discurso fornece ao leitor meios para que o mesmo entenda o que está nas entrelinhas do texto. Em suma, a Análise do Discurso apresenta contribuições significativas para os estudos literários ao indagar as condições sociais de produção, funcionamento e de recepção da leitura.

Nesse ponto, faz-se necessário esclarecermos a noção de literatura aqui adotada, conforme assegura Candido (1972, p. 53):

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

Através das palavras do crítico Candido (1972), podemos compreender que um dos fatores que determinam se uma obra é literária ou não é a presença da manipulação técnica.

Assim como Candido, Lajolo (1981, p. 38) também afirma que a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária:

é a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Como sabemos, a literatura é uma forma de se retratar determinados contextos sociais. Nos textos literários estão presentes as diversas formas de expressão de determinado contexto sócio- histórico. Nesse sentido, como afirma Candido (2000, p. 127):

[...], entendemos por literatura, neste contexto, fatos iminente associativos, obras e atitudes que exprimem relações dos homens entre si e que, tomadas em seu conjunto representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço do pensamento, um assunto de intuição, tornando- se “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que reque certa comunhão de meios expressivos e mobiliza afinidades profundas que congregam sujeitos de lugares e momentos históricos dispares com vistas a chegar a uma “comunicação”.

Diante dessa afirmação, torna-se claro que uma obra literária é fruto de um contexto amplo e, por conseguinte, visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes, enfim, a diversidade de elementos culturais participa ativamente da constituição do texto.

Desse modo, apreende-se que é impossível compreender uma obra literária na sua totalidade isolando-a de seu contexto, assim como percebendo-a apenas como um subproduto da estrutura social, mas faz-se necessário analisá-la a partir de uma visão dialética. Candido (1980) ainda reforça que ao analisar uma obra literária devemos levar sempre em consideração tanto a estrutura quanto o contexto sociocultural da obra, ou seja, há necessidade de se fundir texto e contexto, visto que ambos os procedimentos devem caminhar numa interpretação dialeticamente íntegra.

Como bem foi ressaltando anteriormente, todo discurso é determinado pelo meio social no qual o sujeito está inserido, ou seja, um discurso inevitavelmente revela marcas do social. É nessa percepção que afirmamos que toda obra literária dialoga com o momento sócio-histórico no qual ela foi escrita, ou seja, nos textos literários estão presentes os discursos de acordo com a época e a realidade.

Conforme assegura Dantas (2007, p. 28):

Enquanto linguisticamente, podemos considerar a materialidade do sentido do texto, numa perspectiva discursiva, consideraremos a exterioridade, historicidade ou os sentidos se constituindo historicamente nos textos, como a elaboração de uma trama.

Consoante com Dantas, Orlandi (2013, p. 69) diz que: “para a análise do discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo”.

Desse modo, a AD, como dispositivo teórico, permite que se observe a determinação histórica e as condições de produção de escrita dos textos, como sendo decisivas para a interpretação da obra literária. Como enfatiza Dantas (2007, p. 81) podemos pensar o texto como o lugar onde o sentido se concretiza historicamente.

A partir da aproximação entre Literatura e Análise do Discurso, podemos perceber o papel da língua, não mais vista como uma língua transparente e limitada aos espaços logicamente estabilizados, mas sim a língua como opacidade e materialidade do discurso, a língua do equívoco e do deslize, a língua da falta e do excesso.

Como atesta Fernandes (2005):

é importante considerar nas atividades de leitura, nos trabalhos de produção e de interpretação, a opacidade da linguagem, a sua não transparência, isto implica revelar que na relação do sujeito com a língua e com a história, por trás das palavras ditas, o não- dito produz sentidos que não podem ser controlados e que não se encerram em si. (FERNANDES, 2005, p. 92).

Visto isso, percebemos que para a teoria da Análise do Discurso a linguagem não é transparente, não tendo, portanto, um sentido literal, único. Nessa perspectiva, compreendemos que o sentido poderá ser sempre outro. Do mesmo modo ocorre nos textos literários, pois sendo a literatura uma prática discursiva os sentidos não são fixos e estes variam.

4 PAULO HONÓRIO: DISCURSO MACHISTA E OPRESSOR

Nos capítulos anteriores do presente trabalho foi apresentado um pouco da teoria da Análise do Discurso e a possibilidade de estudo de literatura com base na AD, portanto, neste ponto do estudo, será focalizado o discurso machista apresentado pelo personagem Paulo

Honório, da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Como vimos, segundo a teoria da AD, não dá para estudar uma obra literária fora de seu contexto, ou seja, é preciso levar sempre em consideração o momento sócio-histórico no qual a obra está inserida.

Desse modo, é válido ratificar que a obra aqui citada foi publicada no ano de 1934, início do século XX, período marcado por intensas mudanças no cenário da literatura brasileira. Surge, nesse momento histórico, um tipo de romance denominado de “romance social” ou de “romance do nordeste”. Assim, a obra *São Bernardo* é construída no contexto sócio-ideológico do início do século XX.

Nessa época, os lugares sociais de homem e de mulher eram muito marcados ideologicamente, ou seja, o machismo era muito presente neste momento. Nesse sentido, a obra retrata bem isso, o que comprovamos a todo instante através do discurso de Paulo Honório. Para melhor compreensão, serão utilizados trechos do romance que comprovam o machismo no discurso do personagem e, por conseguinte, a opressão imposta à mulher, nesse caso, a personagem Madalena.

4.1 Quem é Paulo Honório

Paulo Honório, principal personagem do romance *São Bernardo*, é um homem do sertão de Alagoas que possui uma personalidade marcada pela ganância e pela busca do poder econômico a qualquer custo. Ele foi um menino órfão criado por uma doceira conhecida como negra Margarida. Vale ressaltar que no início do Romance o narrador, o próprio Paulo Honório, declara algumas de suas principais características físicas. Como mostra o fragmento a seguir:

Me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobranças cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo, têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor. (RAMOS, 2001, p. 10).

Nesse trecho de apresentação do sujeito enunciativo notamos que através da sua fala construímos uma imagem pré-estabelecida sobre ele. Em seu discurso, o sujeito revela algumas de suas principais características físicas, características estas, podemos dizer, de um sujeito do sertão, que tem uma vida sofrida devido o exaustivo trabalho na roça. Como foi visto anteriormente, toda obra literária reflete uma determinada realidade social, então, as

formações discursivas determinam a ocorrência do discurso de Paulo Honório, ou seja, refletem os aspectos sociais da época em que o discurso foi proferido.

No decorrer da obra, Paulo Honório conta que se criou sem saber quem foram seus pais verdadeiros e nem ao certo a data em que nasceu. Da infância, lembra somente que trabalhou como guia de cego e vendedor de cocadas para sobreviver. Mais tarde, aos seus dezoito anos, passa a trabalhar na roça:

Se tentasse contar- lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro- me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. (RAMOS, 2001, p. 11).

Por meio dos relatos de Paulo Honório, notamos que na sua juventude ele já se apresentava como um sujeito violento, pois por desejo de lavar a honra, de não ficar por baixo de nada, esfaqueia seu próprio amigo João Fagundes, matuto que se envolve com Germana, uma mulher com quem ele se relacionava sexualmente. Com isso, Paulo Honório é preso e durante a prisão tem a oportunidade de aprender a ler.

Após cumprir a pena, Paulo Honório tira o título de eleitor e arranja dinheiro emprestado com um político agiota, conhecido como “seu Pereira”, e com esse dinheiro ele investe nos negócios e sai pelo sertão vendendo miudezas, redes e gado. Dessa forma, consegue juntar algumas economias e resolve estabelecer-se no município de Viçosa, Alagoas, com intenções de adquirir a fazenda São Bernardo.

No percurso que Paulo Honório vai narrando sua história, ele se mostra, a todo momento, um sujeito violento, calculista e ambicioso, e que não mede esforços para conseguir o que deseja. Comprovamos isso através do modo como o protagonista conseguiu realizar seu sonho de ser proprietário da fazenda São Bernardo:

Como quem não quer nada, procurei avistar- me Padilha (Luís). Encontrei o no bilhar, jogando bacará, completamente bêbado. Travei uma amizade com ele e em dois meses emprestei- lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da sota e em folias de bacalhau e aguardente, com fêmeas ratuínas, no Pão-sem-Miolo. Vi essas maluqueiras bastante satisfeito. (RAMOS, 2001, p. 14 - 15).

Como está exposto no fragmento acima, para realizar seu desejo de ser proprietário da fazenda São Bernardo, Paulo Honório inicia uma amizade falsa com Luís Padilha, herdeiro da fazenda, moço apaixonado por jogos, festas, mulheres e bebidas. Aos poucos, Paulo Honório ganha a confiança de Luís Padilha. Passa, então, a estimular e financiar projetos errados e ingênuos do inexperiente Padilha, com a intenção calculada de promover a ruína econômica e financeira do dono da São Bernardo.

Com promissórias vencidas e pressionado violentamente por Paulo Honório, Luís Padilha se vê forçado a entregar a fazenda por um valor insignificante e o protagonista passa a ser o novo dono da fazenda, onde fora trabalhador alugado por alguns anos. O mesmo passa então de trabalhador alugado a proprietário. Nesse sentido, em relação à realização de seu desejo de possuir as terras de São Bernardo, Paulo Honório diz que: “Como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las”. (RAMOS, 2001, p. 39). Entretanto, para essa realização foi necessário sua desumanização, pois para obter tudo isso, ele teve que matar, roubar, mentir e trapacear.

Diante do que foi apresentado até aqui, podemos caracterizar Paulo Honório como um sujeito rude e hostil, que passa por cima de tudo e todos para obter o que deseja. É válido ressaltar que uma característica que marca Paulo Honório na obra é o sujeito machista que ele se mostra ser.

4.2 O discurso machista na constituição do personagem Paulo Honório

Desde o princípio dos tempos, homens e mulheres costumam exercer papéis distintos na sociedade. Por ser vista como um ser frágil e inferior, na maioria dos casos, não era permitido que a mulher assumisse o comando do grupo familiar, o que de certa forma determinou ainda mais a submissão dela ao homem. Já o sujeito-masculino, devido à sua força física, assumiu o poder dentro da sociedade e se afirmou como o “chefe” da família.

Dessa forma, originaram-se as sociedades patriarcais, fundamentadas na força dominadora do homem como chefe familiar. A obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, retrata bem isso, e é o que comprovamos através das palavras de Paulo Honório:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me preocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar. A que eu conhecia era a rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo. (RAMOS, 2001, p. 57).

De acordo com o fragmento, a voz de Paulo Honório revela um pensamento machista, digno do patriarcalismo até então vigente, segundo o qual, com a finalidade de preservação da propriedade, ele desejou a função paternal, pois só assim transformaria a

sociedade em um sistema patriarcal, no qual passaria a exercer papéis importantes e acabaria sendo o chefe ou mantenedor da família, como também da propriedade. Cabe aqui, então, destacar que constituir uma família era uma das exigências impostas pela sociedade dos séculos passados, pois só assim os laços sociais do homem se tornariam adequados, podendo ele, dessa forma, ganhar uma posição de prestígio em seu grupo.

É interessante atentarmos para o modo como Paulo Honório refere-se ao sujeito-mulher através do termo “rabo de saia”, através do qual ele reduz esse sujeito a um elemento desprovido de capacidades, como se a mulher fosse apenas um objeto para servir-lhe sexualmente. A partir do fragmento exposto podemos notar, também, como a personagem feminina é considerada por Paulo Honório como um ser inferior, pois ele faz uso do adjetivo: “ordinária” para se referir à personagem Rosa, termo que quer dizer vulgar, mal educada.

É importante atentarmos, também, para o fato de a mulher ser tratada apenas como uma propriedade masculina, ou seja, a mulher, à época na qual a obra está inserida, era submetida a uma sociedade machista, não tendo direito a nada, somente era obrigada a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Ou melhor, mulher e filhos são vistos simplesmente como bens pertencentes ao marido.

Diante disso, analisemos o seguinte trecho:

a loura tinha a cabecinha inclinada e as mãozinhas cruzadas, lindas mãos, linda cabeça. [...] de repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente ao contrário da mulher que eu andava imaginando, mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha. (RAMOS, 1998, p. 65- 67).

Aqui percebemos que o personagem Paulo Honório enuncia a partir de uma formação discursiva machista, tendo em vista que ele utiliza de tais termos para se referir à mulher, o que revela um discurso de desvalorização feminina. Aqui, também, percebemos que a visão de mulher que Paulo Honório tem e que atrela a figura de Madalena muito o agradava, e podemos afirmar isso através dos diminutivos que ele usa para se referir à moça, “miudinha, fraquinha”. Fica claro, ainda, que devido a ele considerá-la uma mulher muito fraquinha, ela conseqüentemente não tinha condições de desafiar sua força e seu poder. O que ele queria mesmo era encontrar uma mulher, uma submissa reprodutora que simplesmente o desse um herdeiro.

Nesse ponto do trabalho, faz-se relevante discutirmos um pouco acerca da noção de machismo. Conforme Drumont (1980, p.81), o machismo é “um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e

mulher. O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino, como para o elemento feminino”. Como nos afirma Drumont (1980), o machismo é um processo ideológico, de representações simbólicas que assegura os requisitos de submissão entre homens e mulheres, estabelecendo dessa forma padrões entre o masculino e o feminino.

No início do século XX, eram poucas as mulheres que tinham o privilégio de estudar e as poucas que tinham não eram bem vistas pela sociedade machista da época, que enxergava o ser feminino somente como dona de casa e mãe. A exemplo, temos a personagem Madalena, pois por ser uma mulher culta, educada e intelectual representava um perigo ao seu pretendente Paulo Honório. Comprovamos isso através de uma conversa que Paulo Honório tem com Gondim, após ficar sabendo que Madalena escreve artigos para um jornal:

- Ah! Faz artigos!
- Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela?
- Eu sei lá! Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata. (RAMOS, 2001, p.84).

Notamos que o fato de Madalena ser uma pessoa instruída e produtiva, no que se refere ao mercado de trabalho, deixa Paulo Honório apreensivo quanto ao projeto que tinha de casar-se com ela. Isso se dá devido ao fato de ele ter planos de transformá-la em um objeto de seu desejo, e sendo ela uma pessoa estudada não se deixaria ser dominada tão facilmente. A esse respeito, Foucault (2010, p. 30) afirma que: “O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. Diante disso, fica claro que o poder está diretamente relacionado com o saber, por isso o saber é tão perigoso. Quando o sujeito detém conhecimento, ele passa a ter mais autonomia e não se deixa dominar tão facilmente.

Ainda, em outro momento Paulo Honório deixa claro mais uma vez a repugnância que tem em relação às mulheres bem instruídas, inteligentes. Como mostra o seguinte trecho:

- Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:
- Me auxilia, meu bem. (RAMOS, 2001, p. 135).

O discurso apresentado por Paulo Honório é digno de uma sociedade machista, que não admitia à mulher uma posição perante a sociedade. Como foi mencionado anteriormente,

quando um sujeito tem um certo saber , o mesmo passa a ter mais poder, pois através desse saber adquire conhecimentos e começa a ter consciência quanto aos seus direitos, por isso era tirado das mulheres o direito à educação e a sua própria fala.

Assim, ao lermos a obra *São Bernardo* compreendemos as aflições da mulher vista e comparada com propriedade através da personagem Madalena: “Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias. Uma propriedade com S. Bernardo era diferente”. (RAMOS, p. 116). Nesse trecho, Paulo Honório inferioriza a figura de sua esposa, deixando claro que não a trocava por sua propriedade, pois, para ele, Madalena não valia tanto quanto sua fazenda. É interessante destacar que ao utilizar o substantivo “professora” no diminutivo o personagem revela sua intenção de inferiorizar a mulher a que se refere, menosprezando-a.

É evidente, então, como Paulo Honório trata as pessoas como meros objetos, que só lhes são úteis quando estes lhe rendem alguma coisa, pois para ele tudo na vida é lucro. É o que podemos observar quando ele se refere ao momento em que Madalena estava grávida: “Madalena estava prenhe, e eu pegava nela como em louça fina. Ultimamente dizia-me coisas desagradáveis, que eu fingia não compreender. Via a barriga crescer- lhe uma compensação”. (RAMOS, 2001, p. 113).

Como está exposto, Paulo Honório só trata Madalena com delicadeza porque ela está à espera de seu herdeiro, e ele usa a expressão “compensação” para mostrar que não está fazendo isso por amor, mas porque vai lhe render um lucro. Em suma, ele a trata bem como uma espécie de investimento válido, pois o que importaria era o herdeiro, pois desde que ele realizou o sonho de obter as terras de São Bernardo o seu outro foco era ter um filho para que esse desse continuidade ao seu trabalho.

Assim, em um certo ponto da narrativa, Paulo Honório começa a desconfiar que Madalena o traia e começa a lhe fazer acusações. Então ele revela que: “se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava- a, abria- lhe a veia no pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro”. (RAMOS, 2001, p. 150). Através do que afirma o protagonista, fica explícito o sentimento de violência que toma conta dele. Nesse trecho, observamos que além do sentimento exacerbado de posse sobre o corpo de Madalena, reconfigura-se um discurso evidente na nossa memória discursiva: “Se essa mulher não for só minha, não será de mais ninguém”. Discurso esse que se revela através dessa dominação da mulher por parte do homem a tal ponto que esse teria o poder de determinar a hora da morte da parceira. É importante, desse modo, enfatizar que esse é um fato que faz parte das relações dos séculos passados até os dias atuais, pois todos os dias presenciamos situações nas quais a

mulher é vítima de seu próprio parceiro, devido ao fato de esse ser tomado por um sentimento de posse.

Paulo Honório desconfia, então, de Madalena e passa a insinuar que ela o traía com seus empregados, e como a personagem Madalena é marcada pelo silenciamento feminino, a mesma não tem direito a defesa das acusações lhes são feitas por Paulo Honório. Podemos, por isso, dizer que parte do ciúme surge devido a ela manter uma situação de diálogo com os empregados da fazenda e com os amigos de Paulo Honório, e como ele tinha em mente uma formação ideológica machista essa era uma situação inadmissível.

É importante destacar, diante disso, que para Paulo Honório: “mulheres, criaturas sensíveis, não devem meter-se em negócios de homens”. (RAMOS, 2001, p. 142). Assim, a mulher devia meter-se somente com os afazeres domésticos e não nos negócios do marido. É através de tais discursos que compreendemos o modo com as mulheres foram consideradas durante décadas como frágeis e incapacitadas de assumir certas funções dentro da família, como também dentro da sociedade.

No decorrer da narrativa, Paulo Honório deixa claro que quem manda na casa é ele, e confirmamos isso quando em uma certa manhã ele tem uma conversa com Padilha e desfaz as ordens de Madalena:

(...) apanhando flores, homem! Olhe o relógio.
 - Foi dona Madalena que mandou tirar umas rosas.
 - Você é jardineiro? A d. Madalena não dá ordens. Você me anda gastando o tempo com falatórios! (RAMOS, 2001, p. 125).

Como podemos perceber através desse fragmento, é evidente o discurso machista tomado por Paulo Honório, pois ele não admite que sua esposa dê ordens aos empregados e deixa claro que quem manda na casa é ele. Mais uma vez Paulo Honório rebaixa a imagem feminina, a inferiorizando ao mesmo tempo em que se afirma detentor de todos os poderes na casa.

É válido observar, diante disso, como Paulo Honório afirma seu poder e autoridade de patrão e macho até sobre os seus empregados. “Você está se fazendo de besta, seu corno? Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozó, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira”. (RAMOS, 2001, p. 109). Como podemos ver, o protagonista tem uma necessidade de mostrar-se superior as outras pessoas, e usa sua autoridade de patrão para humilhar, para rebaixar seus empregados.

Como podemos demonstrar através dos fragmentos acima expostos, o romance *São Bernardo*, através do personagem Paulo Honório, mostra claramente como se constituía o discurso machista de uma sociedade conservadora, que restringia os direitos da mulher, impondo-as à submissão ao sujeito masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi apresentado no decorrer deste trabalho, percebemos como o discurso do personagem Paulo Honório revela toda uma ideologia sobre a mulher da sua época. Como um ser dominante e dono da palavra, Paulo Honório se refere ao sujeito mulher de acordo com suas percepções e ideologias, e em nenhum momento da narrativa o leitor tem contato o discurso da personagem feminina, pois esta não possuía o privilégio da palavra e era marcada pelo silenciamento.

Portanto, através das discussões aqui realizadas e das análises feitas por meio dos fragmentos retirados da obra *São Bernardo*, podemos constatar como se constituía o discurso machista na fala e na figura do personagem Paulo Honório, e identificar, também, a opressão a qual a mulher foi submetida durante séculos, numa sociedade patriarcalista, conservadora, que não lhe admitia uma situação de igualdade com o sujeito-masculino.

Em suma, o presente estudo, baseado nas teorias da Análise do Discurso, de linha francesa, mostrou a possibilidade e o quanto é enriquecedor estudar uma obra literária baseando-se nos princípios da AD. Como foi mostrado, por meio dos conceitos apresentados, é de fundamental importância para quem quer estudar uma obra literária baseada na AD, levar sempre em consideração o momento sócio-histórico no qual a obra está inserida e as ideologias que fazem parte do contexto de sua produção.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CANDIDO, A. *A vida ao rés do chão*. In: ANDRADE, C. Para gostar de ler, São Paulo: Ática, 1980.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.
- DANTAS, A.M. *Sobressaltos do Discurso- Algumas aproximações da análise do discurso*. Campina Grande, EDUFPG, 2007.
- DRUMONT, M. P. *Elementos para uma análise do machismo*. In: Perspectivas. São Paulo, 1980.
- FERNANDES, C.A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LAJOLO, M. *Usos e Abusos da Literatura na Escola. Olavo Bilac e a Educação na República Velha*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Globo, 1982.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. São Paulo: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP, Pontes, 2012.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores, 2013.
- RAMOS, G. *São Bernardo*. posfácio de João Luiz Lafetá. Ilustrações de Darel. 72ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.